

Colubrina glandulosa Perkins

(caçoca, saguaraji, saguari, sobrasil)

Família: Rhamnaceae

Sinônimos: *Colubrina acreana*, *Colubrina rufa*

Endêmica: não³

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia (Floresta de Terra Firme, Floresta Ombrófila), Cerrado (Cerrado), Mata Atlântica (Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila)³

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

O saguaraji é uma árvore de médio porte, com altura entre 5 e 20 m, frequentemente encontrada em capoeiras e capoeirões, onde pode formar pequenos agrupamentos. É uma espécie recomendada tanto para o enriquecimento de vegetação secundária em áreas de preservação permanente como para sistemas agroflorestais. Sua madeira de boa qualidade é muito usada para postes e mourões (palanques de cerca).

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, dormentes, mourões, poste, caibros, obras hidráulicas, tabuados, vigas, construção naval, lenha), produtos não madeireiros (apícola, recurso para fauna, ornamental)^{1,7,2}

Características gerais

Porte: altura 5.0-25.0m DAP 30-80cm^{1,4,2,7}

Cor da floração: amarela^{1,2}

Flores amarelo esverdeadas ou flores esverdeadas.

Velocidade de desenvolvimento: Moderada, Rápida^{2,8}

A produtividade volumétrica máxima obtida em plantios foi de 12,90 m³/ha/ano (CARVALHO, 2003).

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua^{2,1}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Cônica²

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto^{1,2}

Superfície do tronco: Áspera^{1,2}

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)^{1,5,2,4}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: não^{2,8}

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas¹³

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial^{6,12}

Polinizadores: Insetos.^{9,1}

Período de floração: novembro a junho^{4,2}

Novembro a maio (CARVALHO, 2003); novembro a junho (LIMA; GIULIETTI, 2005).

Tipo de dispersão: Autocórica^{5,6}

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: março a outubro^{2,4}

Março a setembro (LIMA; GIULIETTI, 2005); maio a outubro (CARVALHO, 2003).

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{8,7}

O momento da colheita dos frutos é quando mudam de cor (de verde para castanho-escuro) e iniciam a abertura espontânea. Os frutos devem ser triturados e peneirados para a extração das sementes.

Tipo de semente: Ortodoxa^{10,6,2}

Tratamento para germinação: Tratamento térmico, Tratamento químico^{6,2}

A semente apresenta forte dormência tegumentar, sendo recomendada escarificação química em ácido sulfúrico (CARVALHO, 2003). Outra opção é o tratamento térmico: imersão em água quente a 90°C por um minuto ou imersão em água quente em temperatura ambiente por 24 horas (MORI et al., 2012).

Produção de mudas: Canteiros^{7,1,2}

Semeadura direta em canteiros, preferencialmente logo que as sementes são colhidas. Repicá-las para sacos de polietileno 2 a 4 semanas após a germinação.

Tempo de germinação: 20 a 30 dias^{7,1}

Taxa de germinação: 10 a 90%^{2,6}

Número de sementes por peso: 47000/kg^{11,6,7}

Exigência em luminosidade: Exigente em luz⁷

Bibliografia

¹ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

² CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

³ LIMA, R. B. Rhamnaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 29 abr. 2013.

⁴ LIMA, R. B. de; GIULIETTI, A. M. Rhamnaceae. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; MELHEM, T. S.; GIULIETTI, A. M. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2005. v. 4, p. 331-341.

⁵ SILVA, M. C. N. A. da; RODAL, M. J. N. Padrões das síndromes de dispersão de plantas em áreas com diferentes graus de pluviosidade, PE, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 23, n. 4, p. 1040-1047, 2009.

⁶ MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

⁷ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁸ SOCIEDADE DE PESQUISA EM VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL - SPVS. Manual para recuperação da reserva florestal legal. Curitiba: FNMA, 1996. 84 p.

⁹ MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

¹⁰ MEDEIROS, A. C. S.; EIRA, M. T. S. Comportamento fisiológico, secagem e armazenamento de sementes florestais nativas. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 13 p. (Circular Técnica, 127).

¹¹ DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.

¹² CARPANEZZI, A. A.; CARPANEZZI, O. T. B. Espécies nativas recomendadas para recuperação ambiental no Estado do Paraná: em solos não degradados. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 57 p.

¹³ MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.